Dia 25 — A Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo

Martirológio Romano

No ano cinco mil cento e noventa e nove da criação do mundo, quando no princípio criou Deus o céu e a terra; depois do dilúvio, no ano dois mil novecentos e cinquenta e sete; do nascimento de Abraão, no ano dois mil e quinze; de Moisés e da saída do povo de Israel do Egito, no ano mil quinhentos e dez; desde que Davi foi ungido rei, no ano mil e trinta e dois; na semana sessenta e cinco, segundo a profecia de Daniel; na olimpíada cento e noventa e quatro; da fundação de Roma, no ano setecentos e cinquenta e dois; do império de Otaviano Augusto, estando em paz todo o orbe, no ano quarenta e dois; na sexta idade do mundo, JESUS CRISTO, Deus eterno e Filho do eterno Pai, querendo consagrar o mundo com seu santo advento, concebido do Espírito Santo e passados nove meses depois de sua concepção (o que segue se lê em voz mais alta, e se ajoelham todos), em Belém, cidade de Judá, nasceu da Virgem MARIA feito homem (o seguinte se lê em voz ainda mais alta e em tom de paixão):

A NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO segundo a carne.

(Levantam-se todos, e o que segue se lê em tom ordinário ou de Martirológio.)

O triunfo de Santa Anastásia, no mesmo dia: a qual, no império de Diocleciano, teve Públio, seu esposo, em triste e estreito cárcere, onde a consolava e confortava muito Crisógono, confessor de Cristo. Depois disto, Floro, prefeito do Ilírico, a atribulou com longas prisões e finalmente, atada de pés e mãos a uns madeiros, acenderam uma fogueira ao redor dela, na qual consumou o martírio. Aconteceu isto na ilha Palmária, aonde havia sido desterrada com duzentos varões e setenta mulheres; os quais com vários gêneros de mortes alcançaram também a coroa do martírio. (De Santa Anastásia se faz menção no cânon da missa, no Sacramentário de São Gregório e em outros antigos catálogos de Mártires. Há uma antiga igreja em Roma dedicada a Deus em sua memória. Seu corpo foi trasladado a Roma e depositado na dita igreja. Nesta diziam os Papas antigamente sua segunda missa no Natal, sendo este o motivo porque se faz menção dela no cânon. Depois suas relíquias foram trasladadas a Constantinopla no tempo do imperador Leão e depositadas primeiro na igreja de seu nome, ou da Ressurreição, e logo na patriarcal de Santa Sofia; mas se perderam quando tomaram os turcos a cidade. — Outra Santa Anastásia, chamada a Maior, foi coroada do martírio na perseguição de Valeriano: outros dizem que na de Nero.)

Santa Eugênia, virgem, em Roma, no cemitério de Aproniano: a qual, no tempo do imperador Galieno, depois de haver dado esclarecidas mostras de sua grande virtude e de haver juntado muitas comunidades de virgens para consagrá-las a Jesus Cristo, por sentença de Nicécio, prefeito da cidade, foi longo tempo atormentada até que por último a degolaram. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A grande multidão de muitos milhares de Mártires, em Nicomédia; os quais, tendo-se congregado na igreja para receber o santíssimo Sacramento no dia da Natividade de Jesus Cristo, mandou o imperador Diocleciano fechar as portas da igreja e pôr-lhe fogo pelas quatro partes e pôr à porta um braseirinho com incenso, fazendo publicar em alta voz por meio do pregoeiro que os que quisessem escapar do incêndio saíssem e oferecessem incenso a Júpiter: mas respondendo todos a uma voz que antes queriam morrer por Jesus Cristo, consumidos naquela fogueira, mereceram nascer para o céu no mesmo dia em que o Senhor se dignou nascer na terra para a salvação do mundo.

A morte gloriosa de São Pedro Nolasco, confessor e fundador da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, redenção de cativos, em Barcelona, na Espanha: esclarecido em virtudes e milagres: sua festividade, por decreto de Alexandre VII, se celebra no dia 31 de janeiro. (Veja-se sua vida entre as daquele dia.)

A Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que Vulgarmente se Chama o Natal

Hoje é o dia tão solene no mundo em que celebram todos os fiéis a Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo a carne; dia tão desejado, por tanto tempo esperado, pedido com tantas instâncias por todos os Patriarcas e Profetas e por todos os que esperavam a redenção de Israel; e este é o nascimento ditoso cuja história vamos dar.

Não se havia visto no mundo uma paz mais universal que a que então reinava. Aproveitando-se o imperador Augusto desta tranquilidade geral, picou-lhe a curiosidade de saber o número das forças do império, fazendo para isso uma descrição exata de todos os seus súditos. Cirino teve a comissão de fazer a da Síria, da Palestina e da Judeia e, para facilitar a execução, ordenou que cada um se recenseasse e desse seu nome na cidade de onde era originária sua família.

Logo que se publicou o edito do imperador, José partiu de Nazaré, pequena cidade da Galileia, onde tinha seu domicílio, e foi à Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, para fazer-se alistar com Maria, sua esposa, que estava próxima do parto. Belém não era então senão um lugar ou uma aldeia da tribo de Judá, a duas léguas de Jerusalém. Não foi

pouco trabalho para a santíssima Virgem e para São José ter de fazer quatro dias de caminho para ir desde a baixa Galileia até Belém, primeira residência da família de Davi, da qual traziam sua origem um e outro. Mas como ambos estavam perfeitamente instruídos do mistério e sabiam que o Messias, segundo a profecia de Miqueias, devia nascer em Belém, sofreram com gosto as incomodidades da viagem.

Tendo chegado a Belém, foram mal recebidos; não se teve o menor respeito nem a sua qualidade nem à gravidez da santíssima Virgem. A pobreza, que se manifestava bastante em toda a sua bagagem, não atraiu sobre eles senão o desprezo e o abandono; estando as pousadas cheias de gente pelo concurso extraordinário que havia acudido de todas as partes e entrando-se a noite, Maria e José, as duas pessoas mais santas e mais respeitáveis do universo, a quem todos os homens deviam render homenagem, viram-se obrigados a retirar-se a uma espécie de estábulo ou cova que estava fora do povoado e onde então se achavam um boi e um jumento; tendo-o assim disposto a Providência divina em cumprimento das profecias de Habacuc e de Isaías.

Uma pousada tão humilde não deixou de contristar a Mãe de Deus e São José; mas convinha àquele que vinha ensinar a humildade aos homens e cuja grandeza e majestade são independentes de toda exterioridade. Não ignorando a santíssima Virgem a hora em que o Salvador devia nascer, passou com São José todo o tempo que precedeu este nascimento numa doce e amorosa contemplação do mistério que ia cumprir-se. À meia-noite, sentindo que o termo havia já chegado, deu à luz sem dor e sem lesão alguma de sua pureza virginal seu Filho primogênito, que foi assim mesmo seu único Filho, ao qual adorou prostrada em terra com aqueles transportes de amor, de admiração e de respeito de que só Deus pode conhecer o ardor, o preço e a medida; tomando-o depois em seus braços, envolveu-o nos paninhos que havia levado e recostou-o na manjedoura onde se lançava de comer às bestas. Este foi o berço que escolheu Jesus Cristo para começar a confundir nosso orgulho e ensinar-nos a menosprezar a grandeza, as comodidades e todos os falsos bens da terra. Facilmente se deixa compreender a impressão que faria em São José a vista deste divino Salvador, o qual por uma predileção particular o havia escolhido para que fizesse as vezes de pai consigo. Quais seriam seus atos de adoração, de amor e de humilhação aos pés de um Deus feito menino! Aos pés do Verbo encarnado, Filho único de Deus vivo, igual em tudo a seu Pai! Aquele vil estábulo, aquela pobre cova veio a ser então o lugar mais respeitável do universo e a imagem, por dizê-lo assim, mais parecida da celestial Jerusalém. Nenhum Anjo deixou de vir adorá-lo neste lugar: não houve um que, no primeiro momento em que este divino Menino viu a luz, não se desse pressa em vir render-lhe suas homenagens. Ainda que já lho haviam rendido no primeiro momento de sua Concepção, reiteraram-nas esta segunda vez que entrou no mundo: *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ,* diz São Paulo (Hb 1), *dicit: et adorent eum omnes angeli Dei.*

Que fundo de reflexões, bom Deus, não nos apresentam todas as circunstâncias deste maravilhoso nascimento! A santíssima Virgem busca uma pousada na aldeia de Belém; mas o grande concurso de gentes que chegam a toda hora faz que não a encontre; reservam-se os alojamentos para mais ricos hóspedes. A santíssima Virgem e São José talvez teriam tido com que pagar um pobre canto, pois o buscavam para alojar-se; mas sem dúvida em Belém não havia lugar bastante pobre para Jesus Cristo. Era necessária uma cova, um curral, um estábulo para recolher e albergar as duas pessoas mais dignas, mais amadas de Deus, mas despedidas de todo o mundo e menosprezadas

em todas as partes. Ó Salvador meu, e como começas com tempo a reprovar e confundir a soberba do mundo! Quem se imaginaria que o supremo Senhor do universo havia de nascer num lugar tão vil e desprezível? Que espetáculo mais assombroso! Um Deus menino, e este menino Deus, para quem o céu não tem coisa que seja bastante magnífica e que tem seu trono sobre as estrelas, está reclinado numa manjedoura, é fomentado com o bafo e alento de dois animais, está exposto a todas as inclemências do vento, enquanto tantos reis, que são seus súditos, nascem em palácios magníficos e na abundância de tudo. *Ubi aula regia,* exclama São Bernardo, *ubi thronus, ubi curiæ regalis frequentia?* Onde está o palácio deste rei recém-nascido? Onde está seu trono, onde os oficiais de sua numerosa corte? *Numquid aula est stabulum, thronus præsepium, et totius aulæ frequentia Joseph et Maria?* Seu palácio é o estábulo, seu trono é a manjedoura; Maria e José compõem toda a sua corte. Queres saber, diz Santo Agostinho, quem é o que nasceu desta sorte? Eu to direi: «É o Verbo do Pai eterno, o Criador do mundo, a luz do céu, a fonte da paz e da bem-aventurança eterna, a salvação do gênero humano, o que volta ao caminho os que se extraviavam; enfim, o que é toda a alegria e a esperança dos justos.»

Contudo, ainda que o Filho de Deus quis nascer na obscuridade de um estábulo, não deixou de manifestar seu nascimento aos judeus e aos gentios. Os Anjos o anunciam aos pastores e uma estrela milagrosa aos Reis magos. Uns pastores velavam nos campos vizinhos guardando seus gados; porque, sendo o inverno temperado e tardio na Judeia, podia muito bem manter-se o gado no campo à noite neste tempo. Apareceu-lhes um Anjo mais resplandecente que o sol; no princípio ficaram deslumbrados e cheios de temor; mas o mesmo Anjo que lhes havia causado o temor os serenou, dizendo-lhes: não temais, porque venho trazer-vos a nova mais alegre que se pode imaginar e que vós jamais poderíeis esperar; a que deve ser para vós e para todo o povo motivo de um extremado gozo: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo.* Acaba de nascer um Salvador em Belém, num povoado que vós chamais cidade de Davi, o qual é o Messias,[^1] o Salvador das almas, vosso Senhor e vosso Deus; achá-lo-eis ali envolto em paninhos e reclinado muito pobremente na manjedoura de um estábulo; estes são os sinais que vos dou para conhecê-lo e convencer-vos da verdade do que vos digo. Apenas o Anjo acabou de falar, ouviu-se uma multidão de espíritos celestiais cantar os louvores de seu Senhor e seu Deus: Glória a Deus no mais alto dos céus, diziam, e na terra paz aos homens de boa vontade e de coração reto. O Salvador que acaba de nascer traz e procura infundir uma e outra.

Adverti, dizem os santos Padres, que Deus não faz anunciar o nascimento de seu Filho aos sábios nem aos ricos de Belém; porque a soberba, a avareza e o prazer são grandes embaraços para ir adorar um Deus pobre, humilde e entre penas. Os primeiros a quem é anunciado Jesus Cristo são os pastores, homens pobres, humildes, trabalhadores; porque são os mais capazes de entrar por meio da simplicidade nos mistérios da Religião. Mas que sinais lhes dão a estas pobres gentes da divindade deste Menino e da verdade do Messias? Os paninhos em que está envolto, a manjedoura onde está reclinado e o estábulo. São estes os sinais pelos quais se há de vir em conhecimento da suprema majestade de um Deus? Não por certo; mas com estes sinais de pobreza e de aniquilamento se vem em conhecimento de um Deus salvador, que vem livrar os homens da escravidão do pecado e da tirania das paixões. Mas que glória a que resulta a Deus deste nascimento! A Encarnação é a grande obra de Deus; todas as divinas perfeições, o poder, a sabedoria, a bondade, a justiça, a misericórdia resplandecem nela de um modo o mais excelente. Jesus Cristo vem reconciliar o mundo com seu Pai, destruir o pecado, domar o demônio, sujeitar a

carne ao espírito, unir as vontades dos homens entre si e com a de Deus. Com razão, pois, se anuncia hoje a paz àqueles que foram dóceis à doutrina e às graças do Salvador.

Os pastores não desprezam o aviso que receberam do céu; antes, exortando-se uns aos outros a ir ver estas maravilhas, partem logo, chegam a Belém pouco depois da meia-noite e, tendo encontrado logo o estábulo, entram nele penetrados de uma unção extraordinária da Graça que derramava interiormente em suas almas aquele divino Salvador; prostram-se a seus pés, adoram-no como a seu Salvador e seu Deus e, tendo feito seus cumprimentos à santíssima Virgem e a São José, voltam a seus rebanhos cheios de um gozo indizível; não cessam de glorificar o Senhor por todas as coisas que viram e ouviram e as contam com sua natural simplicidade a quantos encontram. Todos os que os ouviram, diz o Evangelho, ficaram atônitos das coisas que souberam e aprenderam da boca dos pastores.

«Ó amor inefável!», exclama aqui Santo Agostinho. «Ó caridade incompreensível, cujo preço somos incapazes de conhecer! Quem se teria atrevido jamais a imaginar que aquele que está no seio do Pai desde a eternidade havia de nascer de uma mulher em tempo por nosso amor? Que honra e que glória a tua, ó homem, acrescenta o mesmo Padre, que um Deus se tenha dignado fazer-se teu irmão!» Quis nascer assim, diz São Crisólogo, porque assim quis ser amado. No nascimento de Jesus Cristo, diz São Bernardo, a manjedoura nos grita altamente que devemos fazer penitência; o estábulo, as lágrimas, os pobres paninhos nos pregam a mesma virtude. Tudo prega no nascimento do Salvador, tudo é instrução, tudo lição, e tudo nos diz que, em qualquer condição que tenhamos nascido, em qualquer estado que vivamos, seja vil ou eminente o posto que ocupamos no mundo, é necessário que nosso coração esteja desprendido dos bens e dos prazeres desta vida, é necessário que sejamos humildes, penitentes, mortificados, se queremos que o nascimento do Salvador nos seja útil, se queremos ter parte na redenção.

A festa da Natividade do Salvador, que foi em todos os tempos das mais solenes da Igreja; o Advento que a precede, e que por muitos séculos foi um tempo de jejum, como o é ainda agora para muitas comunidades religiosas; as orações e a solenidade dos oito dias últimos de Advento; as três missas que cada sacerdote diz neste dia: tudo isto denota a celebridade da festa. Em todos os tempos se celebrou o dia do nascimento dos príncipes em todas as cortes e em todos os povos. O dia feliz do nascimento do Salvador do mundo poderia celebrar-se menos entre todos os fiéis? Esta consideração fez que a Igreja, vendo-se precisada a proibir todas as vigílias que estavam em uso, tenha deixado a do Natal por causa da celebridade do dia. A tradição desde os Apóstolos até nós fixou sempre a célebre época deste nascimento no dia 25 de dezembro, e a Igreja quis contar o ano da redenção pelo dia do Natal, e sobre este cálculo regulou seus ofícios, como se vê em toda a ordem de sua liturgia e nos antigos martirológios, fixando o ponto do princípio do ano eclesiástico ao ponto do nascimento do Salvador do mundo.

Pelo que diz respeito às três missas que diz cada sacerdote neste dia, este uso estava já estabelecido na Igreja no tempo do papa São Gregório, pelo ano de 600; pois adverte este santo Doutor que o tempo que se emprega em dizê-las devia abreviar neste dia o tempo da pregação. O sentido místico das três missas na celebridade deste dia deu motivo para buscar diferentes razões deste rito extraordinário. Uns creram que era para honrar particularmente as três pessoas da santíssima e adorável Trindade, que tinham tanta parte neste mistério. Outros creem que, como o

Salvador nasceu à meia-noite, a Igreja quis honrar este tempo com uma missa solene. Como os pastores chegaram um pouco antes do dia, a Igreja quis santificar esta primeira manifestação do Salvador com outra missa; e a terceira é a que se diz solenemente quando se junta o povo para celebrar as grandes solenidades. Outros pensaram que a missa da meia-noite era para honrar o nascimento temporal do Salvador; a que se diz ao amanhecer, para honrar o tempo da ressurreição; e a terceira, que se diz solenemente perto do meio-dia, era em honra de seu nascimento eterno no seio do Pai.

Pelo que diz respeito à cova sagrada onde quis nascer o Salvador, esteve sempre em grande veneração. É verdade que o imperador Adriano, em ódio dos Cristãos, mandou edificar em cima um templo dedicado a Adônis, esperando abolir com esta sacrílega profanação a memória de um lugar tão respeitável; mas não embaraçou que os mesmos pagãos olhassem este santo lugar com respeito e dissessem sempre: este é o lugar onde o Deus dos Cristãos quis nascer. Mas, tendo cessado as perseguições, demoliu-se o templo dos pagãos e edificou-se em seu lugar uma igreja magnífica, forrada de planchas de prata, as paredes embutidas de mármore e a cova enriquecida à proporção. Edificaram-se muitos mosteiros ao redor; e o que a fez ainda mais célebre foi que São Jerônimo a escolheu para sua morada. A manjedoura santificada com o contato do Salvador foi levada depois a Roma, onde se conserva com muita veneração na célebre igreja de Santa Maria Maior, que por isso se chama Santa Maria *ad præsepe.* Os preciosos paninhos em que o Salvador foi envolvido eram uma relíquia demasiado preciosa para que não se conservassem. Primeiro foram levados a Constantinopla, onde se fabricou uma magnífica igreja para guardá-los com mais decência, até que o imperador Balduíno II os presenteou a São Luís, rei da França, o qual os colocou na santa capela de Paris, onde estão em grande veneração, e se guarda o instrumento autêntico da doação, escrito no mês de junho de 1247, e ainda se leem na caixa ou naveta estas palavras: *Pannus infantiæ Salvatoris, quibus in cunabulis fuit involutus:* os paninhos da meninice do Salvador em que foi envolvido no berço.

Santa Eugênia, Virgem e Mártir

Santa Eugênia, tão celebrada por sua portentosa vida como pelo glorioso triunfo que conseguiu dos inimigos da fé, foi natural de Roma, filha do ilustre mártir São Filipe. Havia obtido este os empregos mais honoríficos da república e, querendo premiar seus grandes méritos o imperador Cômodo, nomeou-o prefeito do Egito, com cujo motivo passou com toda a sua família a Alexandria, capital de seu departamento. Contava então Eugênia dezesseis anos de idade e, como era naturalmente inclinada aos livros, dedicou-se ao estudo da filosofia naquela célebre universidade da Grécia, onde as ciências chegaram ao mais alto grau de estimação. Tinha a insigne virgem um juízo demasiadamente sólido e uma compreensão muito perspicaz para viver satisfeita das ridículas superstições do paganismo em que havia sido educada: bastar-lhe-ia só sua razão natural iluminada com as luzes da filosofia para conhecer os grosseiros erros e os enormes abusos da idolatria; mas ainda que o entendimento pode descobrir tudo isto pela luz natural, contudo a conversão do coração sempre é obra da Graça. Começou esta a iluminar insensivelmente o espírito de Eugênia, para que conhecesse a ridicularia e a impiedade de todas aquelas divindades quiméricas que entretinham e enganavam miseravelmente os idólatras; e ao resplendor desta luz

entendeu muito logo que havia um Ser supremo, soberano e eterno, princípio e fim de todos os entes criados, que unicamente podia fazer a suma felicidade e bem-aventurança do homem. Achava-se embebida a Santa nestas reflexões quando, por especial favor da divina Providência, vieram a suas mãos as Cartas de São Paulo; e tendo-as lido com particular gosto, acabou de descobrir por elas a verdade e a santidade de nossa fé.

Fez ver a insigne virgem a seus eunucos Proto e Jacinto as infalíveis verdades do Evangelho, desenganando-os a um mesmo tempo dos crassos erros da idolatria; e convencidos estes da falsidade dos deuses a quem tributavam cultos os gentios e da ridicularia das superstições pagãs, receberam todos três o Batismo com um gozo inexplicável; sendo tão abundante a graça de sua regeneração em Jesus Cristo que desde o princípio se sentiram cheios do espírito de Deus, olhando com tédio e com horror tudo quanto haviam aprendido nos livros da idolatria.

Alguns escritores nos dizem que, para receber o Batismo, Eugênia com seus eunucos saiu da casa de seus pais disfarçada em traje de homem e que, administrado aquele Sacramento pelo bispo de Alexandria chamado Heleno, lhe pôs o nome de Eugênia. Também acrescentam que abraçou o estado monacal em um dos mosteiros do Egito, onde foi tão observante da disciplina regular que correu a fama de sua eminente virtude por toda aquela região; e além disso escrevem que, apaixonada cegamente uma nobre senhora de Alexandria do ilustre monge, resistindo-se Eugênia a suas torpes solicitações, delatou-o a seu pai, que era o prefeito daquela capital, com a falsa calúnia de que havia querido violentá-la por força, em cujo caso lhe foi preciso manifestar seu sexo para desvanecer a impostura; e descobrindo quem era, converteu a seu pai, a sua mãe, a seus irmãos e a outros muitos gentios à religião de Jesus Cristo; mas prescindindo destes fatos, que não poucos críticos estimam por fabulosos, é certo que, tendo logrado a coroa do martírio seu pai por defesa da fé em que foi instruído por Eugênia, restituiu-se esta a Roma com seus eunucos Proto e Jacinto, onde continuavam os santos exercícios de nossa santa Religião apesar das sangrentas perseguições que os Cristãos padeciam naquela capital pelos gentios.

Soube-se em Roma a profissão da ilustre virgem; mas como seus desejos não eram outros que testificar com seu sangue as infalíveis verdades que cria, não se valia daquelas prudentes cautelas a que se viam precisados os fiéis em tão lastimosos séculos, reunindo-se nos cemitérios ou catacumbas para celebrar os ofícios divinos por temor dos pagãos. Foi delatada por cristã ao prefeito da cidade, chamado Nicécio, segundo sentem alguns. Fez este que a conduzissem presa perante seu tribunal e quis obrigá-la a que prestasse adoração aos ídolos; mas o horror que causou a Eugênia a sacrílega impiedade a que solicitava obrigá-la e a heroica constância com que se negou a cometê-la redobrou a fúria e a crueldade daquele tirano em termos que provou sua constância com tormentos requintados. Vários autores escrevem que, vendo o Prefeito inúteis todos os seus esforços para render a esforçada donzela, mandou precipitá-la ao Tibre, atando-lhe ao pescoço uma pesadíssima pedra; mas livrando-a o céu daquele perigo, passeou sobre as águas, chegando à margem do rio sem a mínima lesão. Creu o tirano que não poderia superar a eficácia do fogo e, governado desta ideia, dispôs que a lançassem a uma ardente fogueira, entre cujas chamas se manteve intacta, bendizendo o Senhor como os meninos no forno de Babilônia: à vista do que ordenou o Prefeito que a encerrassem num escuro calabouço, com ordem expressa de não lhe ministrar coisa alguma de comida nem de bebida; mas recreada com sustento celestial por espaço de dez dias, ao fim deles mandou o tirano decapitá-la.

Não nos empenhamos em sustentar a verdade destas e outras atas que os críticos impugnam, porque a complicação das de Eugênia com as de seus companheiros no martírio nos impede saber individualmente todas as circunstâncias do bárbaro juízo em que foram condenados; mas é constante que muitos monumentos de uma respeitável antiguidade que conservou o piedoso cuidado da Igreja nos dão ideia dos requintados tormentos que padeceram, nos quais se sustentou Eugênia, assistida da divina graça, dos mais fortes combates com que quis o tirano provar sua constância, ouvindo-se com admiração por todos os circunstantes as convincentes respostas que deu ao escrupuloso interrogatório que lhe fez o tirano, pelas quais manifestou, como tão sábia, a vaidade dos falsos deuses dos gentios e a ridícula necedade das superstições do paganismo, fazendo ver a um mesmo tempo a divindade do único e verdadeiro Deus a quem tributavam culto os Cristãos; o que irritou de tal sorte o acalorado Prefeito que, temendo que os discursos de Eugênia fizessem a impressão que podiam e deviam nos idólatras, mandou degolá-la imediatamente, logrando a apetecida coroa do martírio no dia 25 de dezembro pelos anos 261.

Os Cristãos deram sepultura ao venerável cadáver da insigne virgem num dos caminhos de Roma, sem que se possa duvidar de que naquela capital foi célebre sua memória desde que triunfou gloriosamente dos inimigos de Jesus Cristo; mas tendo dado o papa Bento VII a Dom García, rei de Navarra, o corpo de Santa Eugênia com outras muitas relíquias, trasladadas à Espanha no ano 1052, colocaram-se as da ilustre Mártir no mosteiro de Santa Maria de Nájera, fundação do mesmo piedoso Príncipe, onde se celebra sua trasladação neste dia.

Hino

> *Tu lumen, et splendor Patris, Tu spes perennis omnium, Intende quas fundunt preces Tui per orbem servuli.*
>
> *Memento, rerum Conditor, Nostri quod olim corporis, Sacrata ab alvo Virginis Nascendo, formam sumpseris.*
>
> *Testatur hoc præsens dies, Currens per anni circulum, Quod solus e sinu Patris Mundi salus adveneris.*
>
> *Hunc astra, tellus, æquora, Hunc omne, quod cælo subest, Salutis Auctorem novæ Novo salutat cantico.*
>
> *Et nos, beata quos sacri Rigavit unda sanguinis, Natalis ob diem tui Hymni tributum solvimus.*
>
> *Jesu, tibi sit gloria, Qui natus es de Virgine, Cum Patre, et almo Spiritu, In sempiterna sæcula. Amen.*

Tu, Luz do Pai eterno refulgente, Esperança de nossos corações, Atende às humildes orações Que faz o orbe prostrado e reverente.

Lembra-te, Fazedor do universo, De que em tempo a forma recebeste De nosso frágil corpo e que nasceste Do ventre da Virgem, puro e terso.

Este presente dia testifica Em seu círculo anual que do Paterno Seio desces e, feito Menino terno, És saúde que ao mundo vivifica.

A ele a terra, os astros e os mares E quanto está debaixo da esfera, Como Autor da vida o venera E entoa em seu louvor novos cantares.

E nós, a quem os preciosos Mananciais de tuas veias regaram, Em honra deste dia tão sagrado Tributamos-te hinos harmoniosos.

Jesus, seja a ti a glória e louvor, Que de Virgem nasceste o mais formoso, Com o Pai e Espírito amoroso, Pelos séculos eternos sem mudança. Amém.

Missa (oração)

A oração da Missa do Galo, à meia-noite, é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui hanc sacratissimam noctem veri luminis fecisti illustratione clarescere: da, quæsumus, ut cujus lucis mysteria in terra cognovimus, ejus quoque gaudiis in cælo perfruamur: Qui tecum vivit et regnat in unitate.*

Português: Ó Deus, que iluminastes esta noite com o resplendor da verdadeira luz, fazei-nos o favor de que, havendo conhecido na terra os mistérios desta luz, gozemos também no céu a alegria eterna daquele que, sendo Deus, vive e reina convosco, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da carta do apóstolo São Paulo a Tito.

Tito 2,11-15

>

> **Latim:** 11 Apparuit enim gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus, 12 erudiens nos, ut abnegantes impietatem, et sæcularia desideria, sobrie, et juste, et pie vivamus in hoc sæculo, 13 exspectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei, et Salvatoris nostri Jesu Christi : 14 qui dedit semetipsum pro nobis, ut nos redimeret ab omni iniquitate, et mundaret sibi populum acceptabilem, sectatorem bonorum operum. 15 Hæc loquere, et exhortare, et argue cum omni imperio. Nemo te contemnat.

Português: 11 Porque a graça de Deos nosso Salvador apareceo a todos os homens, 12 ensinando-nos, que renunciando a impiedade, e as paixões mundanas, vivamos neste seculo sóbria, e justa, e piamente, 13 aguardando a esperança bema-venturada, e a vinda gloriosa do grande Deos, e Salvador nosso Jesu Christo: 14 que se deo a si mesmo por nós-outros, para nos remir de toda a iniquidade, e para nos purificar para si, como povo agradavel, seguidor de boas obras. 15 Prêga estas cousas, e exhorta, e reprehende com toda a authoridade. Ninguem te despreze.

A oração da segunda missa, da Aurora, é a seguinte

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui nova incarnati Verbi tui luce perfundimur, hoc in nostro splendeat opere, quod per fidem fulget in mente. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus onipotente, concedei-nos que, assim como somos iluminados com a nova luz de vosso Verbo encarnado, assim façamos resplandecer em nossas obras as luzes com que a fé alumia nosso entendimento. Pelo mesmo Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é a da missa anterior.

A oração da terceira missa é a seguinte

>

> **Latim:** *Concede, quæsumus, omnipotens Deus, ut nos Unigeniti tui nova per carnem nativitas liberet, quos sub peccati jugo vetusta servitus tenet. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Fazei, ó Deus onipotente, que o novo nascimento de vosso Unigênito, que se vestiu de nossa carne, nos liberte a nós que há muito tempo gememos sob a escravidão do pecado. Pelo mesmo Jesus Cristo, etc.

Lição da Epístola do bem-aventurado Paulo, apóstolo, aos Hebreus, cap. 1.

Hebreus 1,1-12

> **Latim:** 1 Multifariam, multisque modis olim Deus loquens patribus in prophetis : 2 novissime, diebus istis locutus est nobis in Filio, quem constituit hæredem universorum, per quem fecit et sæcula : 3 qui cum sit splendor gloriæ, et figura substantiæ ejus, portansque omnia verbo virtutis suæ, purgationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram majestatis in excelsis : 4 tanto melior angelis effectus, quanto differentius præ illis nomen hæreditavit. 5 Cui enim dixit aliquando angelorum : Filius meus es tu, ego hodie genui te ? Et rursum : Ego ero illi in patrem, et ipse erit mihi in filium ? 6 Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit : Et adorent eum omnes angeli Dei. 7 Et ad angelos quidem dicit : Qui facit angelos suos spiritus, et ministros suos flammam ignis. 8 Ad Filium autem : Thronus tuus Deus in sæculum sæculi : virga æquitatis, virga regni tui. 9 Dilexisti justitiam, et odisti iniquitatem : propterea unxit te Deus, Deus tuus, oleo exultationis præ participibus tuis. 10 Et : Tu in principio, Domine, terram fundasti : et opera manuum tuarum sunt cæli. 11 Ipsi peribunt, tu autem permanebis, et omnes ut vestimentum veterascent : 12 et velut amictum mutabis eos, et mutabuntur : tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient.

Português: 1 DEOS tendo fallado muitas vezes, e de muitos modos noutro tempo a nossos pais pelos profetas: 2 ultimamente nestes dias nos falou pelo Filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fez tambem os seculos: 3 o qual sendo o resplandor da gloria, e a figura da sua substancia, e sustentando tudo com a palavra da sua virtude, havendo feito a purificação dos peccados, está sentado á direita da magestade nas alturas: 4 feito tanto mais excellente que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que elles. 5 Porque a qual dos anjos disse já-mais: Tu és meu filho, eu te gerei hoje? E outra vez: Eu lhe serei a elle Pai, e elle me será meu Filho? 6 E segunda vez quando introduz ao Primogenito na redondeza da terra, diz: E todos os anjos de Deos o adorem. 7 Assim mesmo sobre os anjos diz: O que faz aos seus anjos espíritos, e aos seus ministros chamma de fogo. 8 Mas ácerca do Filho diz: O teu trono, ó Deos, subsistirá no seculo dô seculo: vara será de equidade a vara do teu reino. 9 Tu amaste a justiça, e aborreceste a

iniquidade: por isso, ó Deos, o teu Deos te ungio com oleo de alegria sobre os teus companheiros. [10] E noutro lugar: Tu, Senhor, no principio fundaste a terra: e os ceos são obras das tuas mãos. [11] Elles perecerão, mas tu permanecerás, e todos se envelhecerão, como vestido: [12] e tu os mudarás como huma capa, e elles serão mudados: mas tu és sempre o mesmo, e os teus annos não minguarão.

Reflexões

A graça de Deus se manifestou: em que e como? Pelo desprezo que se faz da Mãe de Deus, que não encontra um canto numa pousada para recolher-se; pela necessidade em que se acha o Senhor do universo de nascer num estábulo; pela extrema pobreza em que nasce um Deus feito homem. A glória dos homens sempre tem necessidade de resplendor, de brilho, de aplauso, de lustre para ser glória; mas Deus não tem necessidade destas pompas exteriores; ele mesmo é sua própria glória; esta é inseparável de seu ser, é independente do juízo e da estimação dos homens; e Deus tem tanta glória entre os mais vis animais e na humilhação de uma manjedoura como na criação do mundo ou no famoso templo de Salomão. Tudo é mistério, tudo é prodígio no nascimento do Salvador. Não há coisa que não seja um milagre; até a extrema pobreza a que está reduzido o é. O céu manifesta seu gozo, os Anjos anunciam seu nascimento, uma nova estrela publica seu reino; mas não são estes os sinais que manifestam e dão a conhecer esse Deus homem. Os sinais para conhecê-lo são os pobres paninhos em que está envolto, é a obscuridade do lugar, é a manjedoura em que está reclinado. Deus não tem necessidade de uma graça estranha.

Deus encontra sua glória, manifesta sua glória e faz resplandecer sua onipotência no mais vil e desprezível que há no mundo. Uma cruz, uma manjedoura: eis aqui o que o Filho de Deus prefere a todos os palácios, aos tronos mais ricos do mundo. O judeu se escandaliza disto; o gentio olha estes mistérios como uma necedade; mas o cristão, mas o homem que tem uma ideia justa de Deus, descobre através destes espessos véus a sabedoria, a majestade, a onipotência do supremo Ser. Não há coisa que demonstre melhor a cortedade do espírito humano que a néscia presunção de querer medir a majestade infinita de Deus pelas luzes limitadas e escassas de seu entendimento. As humilhações de um Deus homem lhe devem dar golpe; mas deve admirá-las com respeito, e à admiração deve acrescentar o reconhecimento e o amor; porque este Deus homem não se humilhou tanto senão pelo muito que amou e ama aos homens.

Evangelho

O evangelho da Missa do Galo é do capítulo 2 de São Lucas.

Lucas 2,1-14

> **Latim:** [1] Factum est autem in diebus illis, exiit edictum a Cæsare Augusto ut describeretur universus orbis. [2] Hæc descriptio prima facta est a præside Syriæ Cyrino : [3] et ibant omnes ut profiterentur singuli in suam civitatem. [4] Ascendit autem et Joseph a Galilæa de civitate Nazareth in Judæam, in civitatem David, quæ vocatur Bethlehem : eo quod esset de domo et familia David, [5] ut profiteretur cum Maria desponsata sibi uxore prægnante. [6] Factum est autem, cum essent ibi, impleti sunt dies ut pareret. [7] Et peperit filium suum primogenitum, et pannis eum involvit, et reclinavit eum in præsepio : quia non erat eis locus in diversorio. [8] Et pastores erant in regione eadem vigilantes, et custodientes vigilias noctis super gregem suum. [9] Et ecce angelus Domini stetit juxta illos, et claritas Dei circumfulsit illos, et timuerunt timore magno. [10] Et dixit illis angelus : Nolite timere : ecce enim evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo : [11] quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus, in civitate David. [12] Et hoc vobis signum : invenietis infantem pannis involutum, et positum in præsepio. [13] Et subito facta est cum angelo multitudo militiæ cælestis laudantium Deum, et dicentium : [14] Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.

Português: [1] E ACONTECEO naquelles dias, que sahiu hum edicto emanado de Cesar Augusto, para que fosse alistado todo o mundo. [2] Este primeiro alistamento foi feito por Cyrino, governador da Syria. [3] E hião todos a alistar-se cada hum á sua cidade. [4] E subio tambem José de Galiléa, da cidade de Nazareth á Judéa, á cidade de David, que se chamava Belém: porque era da casa, e familia de David, [5] para se alistar com a sua esposa Maria que estava pejada. [6] E estando alli, aconteceu completarem-se os dias em que havia de parir. [7] E pario a seu Filho Primogenito, e o enfachou, e o reclinou em huma mangedoura: porque não havia lugar para elles na estalagem. [8] Ora naquella mesma comarca havia huns pastores, que vigiavão, e revezavão entre si as vigílias da noite, para guardarem o seu rebanho. [9] E eis-que se apresentou junto d'elles hum anjo do Senhor, e a claridade de Deos os cercou de refugente luz, e tiverão grande temor. [10] Porém o anjo lhes disse: Não temais: porque eis-aqui vos venho annunciar hum grande gozo, que o será para todo o povo. [11] E he que hoje vos nasceo na cidade de David o Salvador, que he o Christo Senhor. [12] E este he o sinal que vo-lo fará conhecer: Achareis hum menino envolto em pannos, e posto em huma mangedoura. [13] E subitamente appareceo com o anjo huma multidão numerosa da milícia celestial, que louvavão a Deos, e dizião: [14] Gloria a Deos no mais alto dos ceos, e paz na terra aos homens, a quem elle quer bem.

O evangelho da segunda missa, da Aurora, é continuação do de São Lucas, capítulo 2.

Lucas 2,15-20

> **Latim:** [15] Et factum est, ut discesserunt ab eis angeli in cælum : pastores loquebantur ad invicem : Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc verbum, quod factum est, quod Dominus ostendit nobis. [16] Et venerunt

> festinantes : et invenerunt Mariam, et Joseph, et infantem positum in præsepio. [17] Videntes autem cognoverunt de verbo, quod dictum erat illis de puero hoc. [18] Et omnes qui audierunt, mirati sunt : et de his quæ dicta erant a pastoribus ad ipsos. [19] Maria autem conservabat omnia verba hæc, conferens in corde suo. [20] Et reversi sunt pastores glorificantes et laudantes Deum in omnibus quæ audierant et viderant, sicut dictum est ad illos.

Português: [15] E aconteceo que, depois que os anjos se retirárão d'elles para o ceo, fallavão entre si os pastores, dizendo: Passemos até Belém, e vejamos que he isto que succedeo, que he o que o Senhor nos mostrou. [16] E forão com grande pressa: e achárão a Maria, e a José, e ao menino posto em huma mangedoura. [17] E vendo isto conhecerão a verdade do que se lhes havia dito áerca d'este menino. [18] E todos os que o ouvirão se admirárão: e tambem do que lhes havião referido os pastores. [19] Entretanto Maria conservava todas estas cousas, conferindo lá no fundo do seu coração humas com outras. [20] E os pastores voltarão glorificando, e louvando a Deos, por tudo o que tinham ouvido, e visto, que era conforme ao que se lhes tinha dito.

O evangelho da terceira missa é do capítulo 1 de São João.

João 1,1-14

> **Latim:** [1] In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. [2] Hoc erat in principio apud Deum. [3] Omnia per ipsum facta sunt : et sine ipso factum est nihil, quod factum est. [4] In ipso vita erat, et vita erat lux hominum : [5] et lux in tenebris lucet, et tenebræ eam non comprehenderunt. [6] Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes. [7] Hic venit in testimonium ut testimonium perhiberet de lumine, ut omnes crederent per illum. [8] Non erat ille lux, sed ut testimonium perhiberet de lumine. [9] Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum. [10] In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit. [11] In propria venit, et sui eum non receperunt. [12] Quotquot autem receperunt eum, dedit eis potestatem filios Dei fieri, his qui credunt in nomine ejus : [13] qui non ex sanguinibus, neque ex voluntate carnis, neque ex voluntate viri, sed ex Deo nati sunt. [14] Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis : et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre plenum gratiæ et veritatis.

Português: [1] NO principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deos, e o Verbo era Deos. [2] Elle estava no principio com Deos. [3] Todas as cousas forão feitas por elle: e nada do que foi feito, foi feito sem elle. [4] Nelle estava a vida, e a vida era a luz dos homens. [5] E a luz resplandece nas trévas, mas as trévas não na compreendêrão. [6] Houve hum homem enviado por Deos, que se chamava João. [7] Este veio por testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio d'elle: [8] elle não era a luz, mas para que désse testemunho da luz. [9] Era a luz

verdadeira, que allumia a todo o homem, que vem a este mundo: [10] estava no mundo, e o mundo foi feito por elle, e o mundo não no conheceo. [11] Veio para o que era seu, e os seus não no receberão: [12] mas a todos os que o receberão deo elle poder de se fazerem filhos de Deos, aos que crem no seu nome: [13] que não nascêrão do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deos. [14] E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós: e nós vimos a sua gloria, gloria como de Filho Unigenito do Pai, cheio de graça, e de verdade.

Meditação

Da Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera como este Rei pacífico quer nascer quando todo o universo gozava de uma profunda paz. Esta calma universal foi menos efeito do poderio do monarca que reinava então que deste nascimento. Deus é inimigo da divisão e da discórdia; e assim uma das maiores disposições para que a graça obre em nossas almas é a tranquilidade e a paz. Em Belém, que era o solar e a cepa da família de Davi, devia nascer o Messias. A Providência, que se serve de tudo para chegar a seus fins, serviu-se da vaidade de um imperador para fazer que viessem a Belém São José e a santíssima Virgem. Conhecendo esta divina Mãe que se aproximava seu termo, busca uma pousada, mas inutilmente pelo grande concurso de gentes que de todas as partes haviam acudido a Belém: os alojamentos se reservam para mais ricos hóspedes. Ó Salvador meu, que cedo começais a combater e confundir a delicadeza e o orgulho! Num estábulo, no lugar mais pobre e mais vil do universo, nasce o soberano Senhor de todo o mundo. Que espetáculo mais digno de admiração e de pasmo! Um Deus menino, e este menino, que é Deus, reclinado numa manjedoura! Ah, Senhor, depois destes exemplos, que ideia se deve formar da pobreza! E quem pode queixar-se com razão de sua sorte vendo a Jesus Cristo neste estado! Mas quais foram neste feliz momento os sentimentos daquela santíssima Mãe? Mais instruída que ninguém das adoráveis prendas de seu querido Filho, não pode explicar seu amor, sua admiração, sua ternura senão com seu silêncio. Que sentimentos, que afetos à vista daquela manjedoura, daqueles vis animais, daquele estábulo, daquela falta e abandono universal de tudo! É esta, Pai eterno, o berço que destinastes a vosso Filho muito amado? É este seu palácio? São estas as insígnias de sua pessoa? Mas ao menos, quais são nossas homenagens? Este divino Menino não esteve muito tempo sem recebê-las. Seus Anjos têm ordem de ir dar aviso de seu nascimento a uns pobres pastores. Ditosos adoradores do Salvador menino, quão invejável é vossa sorte! Mas em que consiste que não tenhamos nós a mesma ventura? Jesus Cristo nasce, por dizê-lo assim, todos os dias sobre nossos altares; em nossa mão está adorá-lo ali com a mesma fé que os pastores. O estado em que está na manjedoura não é mais humilhante que o estado em que está na Eucaristia: o mesmo Salvador, o mesmo Deus é realmente numa parte que noutra; mas nosso respeito, nosso amor e nossas homenagens são semelhantes aos que lhe tributaram os pastores?

Segundo ponto

Considera qual seria nosso pasmo se os pastores que tiveram a ventura de adorar a Jesus Cristo na manjedoura não houvessem voltado melhores do que foram e se, havendo-o visto, o não houvessem amado; e devemos nós estar menos surpreendidos de que, havendo meditado este mistério, não amemos a Jesus Cristo? Nós não o vemos, diz-se, senão pela fé; e pensamos que os pastores tiveram necessidade de menor fé para crer que um menino em tão miserável estado fosse seu Deus, fosse o Messias? Nossa fé, sustentada com tantos prodígios e com tão poderosos motivos de credibilidade, não mudará jamais nosso coração? Que conduta tão adorável a da Providência! Entre todos os forasteiros que chegaram a Belém não há um que não esteja bem alojado; só de Maria não se faz caso; só a Mãe de Deus não é digna de achar hospedagem. Contudo, havia sobre a terra uma criatura mais respeitável? Não por certo; mas tampouco havia outra mais santa; e as adversidades e os desprezos são no mundo a sorte e a herança da virtude. O Salvador veio ao mundo, e o mundo não o quis reconhecer; veio a sua própria herança, e os seus não o receberam. Quão cedo sois perseguido, meu amado Jesus! O mundo não vos quer, lança-vos de si ainda antes que nasçais; e quererei eu agradar eternamente a um mundo tão perverso? Serei toda a minha vida um escravo, seguirei eternamente suas máximas? Temerei sempre suas censuras? Farei sempre caso de sua aprovação e de sua amizade? Quem ousará queixar-se de que na repartição que fez Deus dos bens deste mundo não lhe deu mais bens terrenos que a seu próprio Filho? Os Anjos são enviados a uns pobres pastores que velam sobre seus gados. Que desgraça teria sido a destes afortunados pastores se os Anjos os houvessem achado dormindo, se houvessem deliberado sobre o partido que deviam tomar, se houvessem querido aguardar o dia! O certo é que não lhes faltavam pretextos para isso. Quanto importa, meu Deus, ser dóceis à graça e prontos a seguir vossas inspirações!

Vós nascestes, divino Redentor meu, para salvar-me; fazei que minha conversão seja hoje o fruto de vosso nascimento e que o amor extremo que vós me mostrais abrase meu coração no fogo de vosso amor.

Jaculatórias

A glória seja para ti, ó Jesus, que nasceste hoje de uma Virgem. (A Igreja.)

O que se humilhar à imitação deste Menino será o maior no reino dos céus. (Mt 18.)

Propósitos

1. Muitas pessoas entraram no estábulo e tiveram a ventura de ver a Jesus Cristo no dia de seu nascimento; destas, umas se moveram a compaixão e outras se pasmaram à vista de uma pobreza tão extremada; houve quem se contentou com admirar-se da sorte do Filho e da paciência da Mãe;

alguns lhe fizeram alguma oferta e, depois de quatro palavras de cumprimento, cada qual se retirou. Não é isto pontualmente o que se passa ainda neste dia com o Salvador recém-nascido? Esta noite vai-se em tropas a adorar a Jesus Cristo na manjedoura, nossas igrejas não se desocupam hoje de gente. Mas que fruto tira disto a maior parte num dia tão solene? Quatro entradas e saídas, muitas genuflexões e reverências, muito rezar. Medita-se, admira-se o que se medita, e aqui se acabou tudo. Não sejas tu deste número; não passes o dia sem tirar algum fruto.

2. Passa todo este dia em exercícios de devoção; assiste com muito respeito à missa maior e, se puderes, a todas as horas do ofício divino; visita Jesus Cristo na pessoa dos pobres no hospital ou nos cárceres e procura aliviá-los e socorrê-los com tuas esmolas; passa ao menos meia hora à tarde aos pés de Jesus Cristo sacramentado, meditando o grande mistério deste dia; procura renascer hoje com o Salvador, convertendo-te num homem inteiramente espiritual, desprendido do mundo, morto a ti mesmo, para não viver de hoje em diante senão em Deus, por Deus e para Deus.

[^1]: A palavra Messias deriva-se da voz hebreia *Mashach*, que significa ungir. Em grego Cristo, ou Ungido, é a interpretação deste nome. A palavra se aplica algumas vezes no hebraico aos reis e sumos sacerdotes, que eram também ungidos, como se vê 1 Sm 12,5; Sl 104; Hb 5; mas por eminência ou antonomásia se dá ao soberano Libertador do homem, tão solenemente prometido de Deus a seu povo. (Butler.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:21 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:21 by Admin